

**INTERNACIONALIZAÇÃO DE EMPRESAS BRASILEIRAS: uma revisão integrativa dos anos 2009-2019.**

**JOÃO PEDRO GURGEL E SILVA**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA (UFU)

**JALUZA MARIA LIMA SILVA BORSATTO**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA (UFU)

# **INTERNACIONALIZAÇÃO DE EMPRESAS BRASILEIRAS: uma revisão integrativa dos anos 2009-2019.**

## **1. Introdução**

Conforme indica Aharoni e Brock (2010), a história do campo dos Negócios Internacionais é também a história do crescimento do comércio internacional e da globalização, a partir da década de 1950. Concentrando-se principalmente em discussões teóricas próprias para explicar o Investimento Estrangeiro Direto (IED), a operação de Empresas Multinacionais (MNCs), e para entender os processos e efeitos da internacionalização. Até o final da Segunda Guerra Mundial predominavam a atuação e as contribuições teóricas dos negócios internacionais europeus, suplantadas a partir de então por uma nova onda e pelo protagonismo estadunidense. A partir do século XXI, constata-se uma crescente participação dos negócios internacionais de países em desenvolvimento, em particular advindos do Brasil, China e Índia (IB., 2010).

A Internacionalização de Empresas diz respeito à consolidação de atividades econômicas de uma empresa com mercados estrangeiros. É um processo de concepção, planejamento e implementação, para que uma empresa passe a atuar com países diferentes daquele no qual foi originalmente instalada (FERREIRA et al., 2014; RUZZIER; HISRICH; ANTONCIC, 2006). Diversos são os conceitos de internacionalização de empresas na literatura, variando em função do foco que é dado em suas concepções. Segundo Barreto e Rocha (2003), os estudos sobre as decisões que levam a processos de internacionalização de empresas tradicionalmente seguem duas linhas distintas: uma de cunho econômico, centrada na otimização de recursos e custos de transação visando à vantagem competitiva de um dado país, e outra de cunho comportamental, estudando a internacionalização a partir das atitudes e das percepções das organizações e seus tomadores de decisão.

A crescente competição global e o desenvolvimento tecnológico acelerado do novo milênio imprimem uma dinâmica diferente à internacionalização de empresas, convergindo para a necessidade de elaboração de novos modelos (SOUZA; FELINI, 2012). Nos estudos organizacionais mais recentes consolidam-se modelos baseados no aspecto relacional, em redes, para a entrada em mercados estrangeiros de forma acelerada; modelos que situam capacidades dinâmicas e integrativas como elementos centrais na análise; e modelos que abordam a internacionalização de empresas a partir dos impactos culturais, do confronto entre as práticas de gestão do país de origem e as práticas locais, apontando práticas transculturais de gestão (IB., 2012; BORINI; FLEURY, 2009).

Ante o exposto, emerge o problema desta pesquisa: Como os negócios internacionais brasileiros estão relacionados a literatura de Internacionalização de Empresas? Questionamento este que fundamenta-se não apenas pelas contribuições à bibliografia, mas também à gestão e às empresas brasileiras, bem como, a governos e políticas públicas e a organizações não-governamentais, haja visto a relevância das questões de comércio e dos negócios internacionais no contexto global (BOTELHO; CUNHA; MACEDO, 2011).

Assim, para responder este problema tem-se por objetivo geral apresentar análises e sínteses investigadas com base em uma revisão integrativa da literatura, seguindo então tais objetivos específicos: identificar a amostragem e a relevância de artigos debruçados a internacionalização de empresas brasileiras; classificar e codificar as características dos artigos; organizar um breve resumo das contribuições de cada artigo; fornecer considerações que ressaltam os principais conhecimentos, lacunas do campo e uma agenda de pesquisa concernente.

A revisão integrativa da literatura justifica-se por permitir ao pesquisador aproximar-se da problemática que deseja apreciar, traçando um panorama sobre a sua produção científica, de forma que possa conhecer, igualmente, a sua evolução ao longo do tempo e, com isso, visualizar inferências e possíveis oportunidades de pesquisa, além de fornecer informações para dar suporte às intervenções nas organizações (BOTELHO; CUNHA; MACEDO, 2011).

A despeito da frequência de trabalhos desta natureza e relativos a internacionalização de empresas, a originalidade deste reside no foco especial aos casos e debates brasileiros. Adicionalmente, o tópico ainda pode ser melhor investigado, sendo necessário atualizar esse estudo e incorporar uma agenda de pesquisa para trabalhos futuros.

Para atingir tais objetivos, este trabalho está estruturado em 5 seções além da introdução. As seções 2 e 3 são reservadas para a apresentação da fundamentação teórica e da metodologia. As seções 4 e 5 reservam-se às análises dos resultados e as considerações finais. Por fim, as referências bibliográficas se encontram na seção 6.

## **2. Fundamentação Teórica**

A partir dos artigos coletados acerca da relação entre negócios internacionais brasileiros e a literatura da internacionalização de empresas entre os anos 2009 e 2019, apresenta-se uma breve fundamentação teórica dos debates e modelos mais recentes, que vão muito além da sua clássica distinção e do campo da Administração.

De uso recorrente nos estudos, a Visão Baseada em Recursos (VBR) considera que toda empresa é um conjunto de recursos tangíveis e intangíveis que, articulados, desempenham capacidades organizacionais, criando valor à estratégia internacional. A orientação empreendedora desempenha papel importante em seu desenvolvimento, expresso para as MNCs como locais, não-locais e específicas. Além disso, complementa insuficiências das abordagens tradicionais, ao identificar e especificar dinamicamente a natureza dos recursos e capacidades para a competitividade de subsidiárias em mercados externos, em relação às teorias econômicas; e, ao mesmo tempo, ao auxiliar a compreensão da dinâmica e da importância dessas variáveis na internacionalização da empresa - em relação a abordagem comportamental (BORINI et al., 2012, VASCONCELLOS et al., 2019, PEREIRA et al., 2017, SANTOS et al., 2013, SUZIN et al., 2014).

A Teoria das Subsidiárias engloba estudos que discutem o papel das subsidiárias a partir da performance das funções atribuídas e do recursos e capacidades desenvolvidas por suas iniciativas, no mercado local, global ou no interno da MNC, mediados pela inovatividade, competitividade, grau de autonomia e de integração, e motivadas pela transferência de conhecimento da matriz para criação de vantagens competitivas. Especialmente às MNCs emergentes, incentivando uma internacionalização acelerada e a criação de competências, como: inovação e modelos de produção - essenciais para a escalada da curva de valor (*catching-up*) (BORINI et al., 2009, ROCHA; BORINI, 2011, FLEURY et al., 2012).

O crescente fenômeno da internacionalização é acompanhado pela descentralização da pesquisa e desenvolvimento (P&D). Assim, MNCs buscam internalizar recursos e transferir conhecimentos e tecnologias entre sua rede a partir de subsidiárias, em diferentes países, explorando vantagens competitivas de cada um e desenvolvendo inovações locais, internas e globais (BORINI et al., 2012, KOGUT et al., 2019).

Pesquisas realizadas no campo da internacionalização têm evidenciado o papel de determinantes organizacionais e estratégicos, explicando trajetórias inusuais, como a entrada em mercados distantes sem experiência prévia ou a inserção e atuação simultânea em

mercados desenvolvidos e em desenvolvimento, explorando novas tecnologias e capacidades (HONÓRIO, 2009, RAMSEY et al., 2013, MAGNANI et al., 2018, BANDEIRA DE MELLO et al., 2016).

A internacionalização de empresas brasileiras também é analisada a partir do papel do Estado e das políticas econômicas. A liberalização simultânea à globalização pós-guerra fria se torna condicionante do tipo de inserção internacional para empresas de muitos países, ocasionando diferentes respostas e resultados. Por exemplo, intervenções estatais diretas, as políticas de campeãs nacionais e as indiretas, políticas pró ambiente de mercado - fenômeno que também é conhecido por 'nova variedade de capitalismo de estado'. Assim, a soberania e o desenvolvimento nacional são exercidos indiretamente, através de bancos de fomento, empresas públicas e fundos de pensão (ARRAES, 2010; FINCHELSTEIN, 2017; HENNART et al., 2017).

Ainda muito presente, a abordagem comportamental engloba diferentes modelos, e se caracteriza por considerar o processo de internacionalização relacionado ao conhecimento, comportamento organizacional e ao processo de tomada de decisão. Ademais, integram geralmente aspectos e variáveis do modelo de Uppsala, empreendedorismo internacional e redes de relacionamentos, como o uso do conhecimento sobre mercados e operações, o papel dos tomadores de decisão e o acesso a recursos externos (ENGELMAN; FRACASSO, 2012; DAL SATO et al., 2013).

Redes de relacionamentos descrevem a reorganização produtiva e administrativa para a cooperação interorganizacional e acesso a recursos externos. Especialmente para pequenas e médias empresas (PMEs), que visam alcançar um grau de inovação, de vantagens competitivas e poder de barganha para entrada nos mercados globais. Podem acontecer na forma de arranjos produtivos locais ou de consórcio de exportação, e, muitas das vezes são objetos de políticas industriais e dinâmicas regionais. Na forma de alianças estratégicas internacionais, o foco está na complementaridade e nas parcerias locais para a entrada em novos mercados (FIGUEIREDO; GRIECO, 2013, LIMP et al., 2018, LIMA; CARVALHO, 2011a, LIMA; CARVALHO, 2011b, KRAKAUER et al., 2013).

Sob o arcabouço teórico das *born globals* concentram-se estudos acerca da internacionalização acelerada, com foco na orientação internacional e no compromisso exportador, em que a forma como o risco é percebido e gerido se destoa das trajetórias tradicionais (MACHADO et al., 2016, STOCKER; ABIB, 2019). Já a percepção de risco é um outro objeto de estudo, e diz respeito ao julgamento subjetivo que tomadores de decisão fazem das atividades internacionais (SEIFERT et al., 2011, BONFIM et al., 2018)

Estruturas de mercado também são relevantes para os estudos de internacionalização. Para que transações comerciais sejam completadas, tanto no âmbito nacional quanto internacional, funções importantes como transportes, armazéns, bancos e canais de distribuição são facilitadores, agregando valor e reduzindo custos. Concomitantemente associadas ao acirramento da concorrência oligopólica mundial e às capacidades distintas construídas em cada uma das formações socioespaciais latinoamericanas (LIMA et al., 2013, SANTOS, 2016).

Neste artigo, podemos ver como está sendo estudado os negócios internacionais brasileiros e se os acadêmicos estão vinculando essas pesquisas a literatura internacional sobre o tema. O Quadro 1 apresenta um resumo dos principais estudos sobre o tema negócios internacionais brasileiros considerados na pesquisa.

**Quadro 1** - Descrição dos objetivos e resultados de cada estudo analisado

Autores	Resumo
---------	--------

Honório (2009)	A formação das estratégias internacionais da amostra são deliberadas por meio do comando ( <i>top-down</i> ) e da racionalidade expressa em ajustamentos iterativos; o processo de escolha das estratégias é influenciadas pelo tamanho da firma; e, o grau de internacionalização é influenciado pela experiência internacional, pelo processo de formação das estratégias e pelo número de parceiros internacionais .
Borini; Fleury; Fleury; Oliveira Jr (2009)	As redes de negócios e o contexto local são determinantes às poucas iniciativas das subsidiárias de MNC brasileiras, que acontecem principalmente nos mercados locais e global, buscando escalar a curva de valor e nichos no mercado internacional. Todavia, as subsidiárias são marcadas por baixa autonomia e alta integração com a sede, e também por iniciativas rebeldes.
Arraes (2010)	O ideário liberal-desenvolvimentista reforça um modelo de agroexportação e a vulnerabilidade externa brasileira. A promoção a exportação e o IDE podem assegurar a competitividade e a produtividade, reduzindo instabilidades na balança de pagamentos, acessando tecnologias e mercados locais, e suportando em maior prazo e proximidade investimentos em infraestrutura e tecnologia.
Lima; Carvalho (2011a)	Os casos estudados reforçam os Consórcios de Exportação, com apoio governamental (APEX), ao evidenciar o incremento de vendas, diversificação de produtos, desenvolvimento da cultura exportadora e da internacionalização da marca brasil. Projetos Setoriais Integrais são maiores e mais complexos, exigindo mais estímulos e experiência em consórcios.
Lima; Carvalho (2011b)	O caso de internacionalização de pequenas e médias empresas do setor de saúde de Ribeirão Preto reforça o arcabouço teórico de Arranjo Produtivo Local para a competitividade global e o desenvolvimento regional. A rede de cooperação regional, de entidades públicas e privadas, promove a eficiência coletiva, superando as principais barreiras para o crescimento das exportações.
Rocha; Borini (2011)	A expatriação da gerência é o principal mecanismo de transferência de conhecimento entre matriz e subsidiárias brasileiras da amostra, muito devido ao poder de controle e estruturação das atividades internacionais. Já, multinacionais tradicionais no Brasil adotam mecanismos de <i>best practices</i> , aproveitando iniciativas desenvolvidas ao longo do tempo em diferentes unidades.
Seifert; Child; Rodrigues (2012)	Os resultados apontam que a tomada de decisão na organização é significada por um complexo e variável processo cognitivo e intersubjetivo dos meios e condições para a internacionalização; contribuindo à renovação ontológica e epistemológica do campo e dos processos organizacionais brasileiros.
Borini; Floriani; Fleury (2012)	O tamanho é central para explicar o maior desenvolvimento de competências externas de PMEs multinacionais brasileiras, quando comparadas as de grande porte e PMEs domésticas; já que guardam carências e pressões para adaptações na internacionalização, independente do tempo e grau desenvolvimento do país hospedeiro, gozando de maior flexibilidade e competitividade.
Fleury; Fleury; Borini (2012)	Os resultados demonstram a concentração da Produção nas subsidiárias de multinacionais brasileiras, em detrimento de outras competências, através de estratégias de aquisição e de suprimentos; aludindo a ‘síndromes’ de especialização ou de aversão ao risco, quando comparadas as tradicionais.
Borini; Oliveira Jr.; Silveira; Concer (2012)	Multinacionais brasileiras beneficiam-se da descentralização de P&D, ao se apropriar de fatores de inovação e ganhar competitividade. A transferência reversa de inovação da amostra depende da orientação estratégica de P&D das subsidiárias e do grau de integração e orientação empreendedora da rede, da longevidade e, marginalmente, do modo de entrada (investimentos <i>greenfield</i> ).

Ramsey; Barakat; Monteiro (2013)	A distância cultural, medida em valores e práticas, impacta decisões futuras do modo entrada das multinacionais brasileiras. O alto grau de distância cultural desencoraja compromissos de risco, mas é relativizado pelo tamanho da firma. A dimensão de valores da distância cultural tem maior impacto do que a dimensão da prática.
Figueiredo; Grieco (2013)	O caso da BR Foods demonstra que as estratégias e técnicas de inovação aberta, se fundem e auxiliam o processo de internacionalização em rede. O sistema de gerenciamento de inovação (cultura de rede aberta) facilita o acesso a fontes externas de informação que dão suporte à aprendizagem organizacional e origem às alianças que evoluem para redes de negócios internacionais.
Krakawer; Jussani; Vasconcellos (2013)	As alianças estratégicas podem dar suporte na internacionalização de PMEs, reduzindo custos e incrementando a competitividade, mediante critérios, como complementaridade, compartilhamento, cooperação e confiança. O caso da M2-D2 destaca também, a aliança como instrumento para driblar barreiras culturais, integrar elos da cadeia, e, ganhar <i>market share</i> no mercado doméstico.
Lima; Carvalho; Marangoni; Pereira (2013)	Operações com distribuidores internacionais independentes é uma forma de exportar com amplo escopo geográfico e baixo investimento, acelerando a internacionalização; porém, em novos mercados, o distribuir detém mais poder sob o <i>mix de marketing</i> , pois faz a ponte com o consumidor; apontando a dilemas da rentabilidade de formas híbridas de inserção.
Costa; Porto (2013)	A partir da definição de tipologias, determina-se as possibilidades estruturais que multinacionais brasileiras possuem para a internacionalização da inovação. Embraco e WEB, para o P&D interno transitam entre estruturas intermediárias e maduras, enquanto que, para o P&D externo há uma oscilação entre os estágios embrionários e maduros, já a Tigre se encontra na fase embrionária para ambos.
Engelman; Fracasso (2013)	A elaboração de um modelo de análise a partir da literatura da abordagem comportamental, a fim de captar a contribuição de ações e serviços de incubadoras na internacionalização de pequenas empresas de base tecnológica, demonstra uma correlação positiva; especialmente, quando em programas formais, ligados ao conhecimento de mercados externos e redes de negócios.
Santos; Vasconcelos; De Luca (2013)	A partir do exame do relacionamento entre o perfil de inovação e de internacionalização, com base na VBR, de destacadas transnacionais de capital aberto, apreende-se uma relação inversa entre inovação e internacionalização. Ou seja, empresas em internacionalização apresentam maiores volumes de investimentos em inovação em comparação àquelas já estabelecidas.
Parente; Cyrino; Spohr; Vasconcelos (2013)	A partir da análise da internacionalização das empresas Odebrecht, Embraer, Stefanini e Marcopolo, preocupados especialmente com os efeitos da Crise de 2008, os autores sugerem semelhanças na resiliência e na ponderação das estratégias, aprimorando flexivelmente suas vantagens competitivas originais e desenvolvendo relações institucionais; dinâmicas distintas do tradicional.
Salomé-Pereira; Vasconcellos (2014)	Ao comparar os procedimentos de gestão de patentes em empresas brasileiras internacionais e aquelas que atuam exclusivamente no mercado doméstico, apreende-se forte relação entre a internacionalização da produção e do uso da gestão de patentes estrategicamente gerando valor, facilitando negociações e a proteção legal a inovação.
Suzin; Gonçalo; Garrido (2014)	Ao analisar a internacionalização da Vulcabras-Azaleia para os mercados da Colômbia, Peru e Chile, com foco na mobilização de recursos e suas influências sobre competências e a competitividade, os autores depreendem um residual

	modelo de <i>learning by doing</i> ; em que os riscos do IDE desenvolve também maior autonomia (operações e recursos), proximidade psíquica e parcerias.
Francischini; Furtado; Garcia (2015)	A partir dos casos da Bematech, Lupatech e Opto Eletrônica, sugere-se que a internacionalização de empresas nacionais de maior densidade tecnológica, diferenciam-se das de demais setores por serem precoces e estarem intrincadas a maciços investimentos em P&D, ao focarem em atender demandas de mercados desenvolvidos e intensos em diferenciação.
Dal-Sato; Alves; Bulé; Amarante (2015)	A internacionalização da TOTVS destaca-se, pela expansão gradual a partir da necessidade de novos mercados, acompanhando a internacionalização dos clientes domésticos e fazendo aquisições; e, pela abertura de capital e o uso de franquias para distribuição; complementando as teorias comportamentalistas: Uppsala, <i>networks</i> e empreendedorismo internacional.
Oura; Zilber; Lopes (2016)	Apesar de complementares, depreende-se um maior impacto da experiência internacional em comparação ao papel da inovação na performance exportadora das PMEs analisadas, reforçando a abordagem de Capacidades Dinâmicas e a premência de <i>learning capacity</i> , bem como, uma tendência para mercados menos desenvolvidos e exigentes.
Ramsey; Barakat; Mitchell; Ganey; Volosin (2016)	A partir da combinação do Modelo de Uppsala e da Teoria do Comportamento Planejado (TCP), confirma-se que o grau de satisfação com experiências de internacionalização das multinacionais se relaciona positivamente com as intenções futuras; todavia, o grau de comprometimento com o mercado global afeta negativamente essa relação, esgotando opções ou incrementando riscos.
Machado; Nique; Fehse (2016)	O estudo reflete a diversidade e as especificidades do campo teórico das <i>born globals</i> , que no caso brasileiro sofrem menos impactos de variáveis como orientação internacional e compromisso exportador e incidem macro dinâmicas, políticas e econômicas (liberalização de 1990, adesão ao MERCOSUL e OMC); sustentando a importância de políticas públicas para PMEs voltadas a inovação.
Santos (2016)	A internacionalização dos grupos Tigre e Mexichem é fruto do acirramento da concorrência intercapitalista, e distinguem-se na construção de capacidades que alteram suas estruturas de mercado. Enquanto a primeira buscara a integração horizontal e a economia de escopo a partir de capital próprio, a segunda segue uma integração horizontal e vertical, ancorada no mercado financeiro.
Bandeira-de-Mello; Fleury; Aveline; Gama (2016)	O caso evidencia a gestão de tensões da ambidestria entre operações de <i>exploration</i> e <i>exploitation</i> , em mercados desenvolvidos e emergentes, através do isolamento da estrutura organizacional, combinando diferentes modos de entrada a diferentes ambientes institucionais, via relações institucionais na A.L e estruturas de <i>catching-up</i> em países desenvolvidos.
Pereira; Moraes; Salazar (2017)	A natureza tangível e intangível dos recursos é evidenciada e revela a importância do seu desenvolvimento por parte dos empreendedores internacionais para a internacionalização; os recursos conhecimento, equipe, liquidez, marca, produção, qualidade e relacionamentos são os que se destacam nos resultados.
Finchelstein (2017)	A partir de Brasil, Chile e Argentina percebe-se que consistentes políticas diretas para a internacionalização resultam maior diversificação setorial e geográfica, ritmo e número de empresas, enquanto indiretas ou inconsistentes entregam concentração em vantagens naturais e baixa expansão.
Hennart; Sheng; Carrera	O levantamento com empresas listadas na BM&FBovespa com vendas

Junior (2017)	internacionais, via exportação ou subsidiárias locais, reforça o novo papel do Estado (neodesenvolvimentista) numa internacionalização ativa a partir de 1990 (campeões nacionais); garantindo seu interesse e a autonomia via composição acionária, especialmente ao lado de empresas familiares, via fundos de pensão.
Carneiro; Bamiatzi; Cavusgil (2018)	A partir do estudo de caso de cinco multinacionais brasileiras, depreende-se que a existência de ' <i>resources and capabilities slacks</i> ' (operacional, gerencial ou de natureza financeira) pode facilitar na internacionalização acelerada, particularmente, quando desencadeada por condições únicas do país de origem (regulação, custos e esgotamento de oportunidades de crescimento lucrativo).
Bonfim; Silva; Prado; Abib (2018)	O levantamento com PMEs aponta que a alta tolerância a ambiguidade incrementa a percepção de riscos de gestores identificados com um estilo cognitivo deliberativo e não afeta aqueles de estilo intuitivo; contraintuitivamente, mesmo sob a percepção de alto risco, apresenta-se um alto grau de internacionalização.
Magnani; Zuchella; Floriani (2018)	Ao investigar a seleção de entrada nos mercados italiano e brasileiro por empresas brasileiras e italianas, os autores advogam pelo papel central desempenhado pelos objetivos estratégicos, em detrimento de aspectos objetivos e subjetivos do fator distância que são compensados por parcerias locais condizentes.
Limp; Rezende; Versiani (2018)	Relacionamento com os clientes foi um fator que impulsionou a empresa estudada a se internacionalizar e influenciou seus movimentos subsequentes, sustentando-se como um todo em redes de mercados estrangeiros sobrepostas e pela interdependência de diferentes trajetórias internacionais.
Stocker; Abib (2019)	Os casos estudados indicam que <i>born globals</i> percebem diferentemente o risco e desenvolvem mais habilidades e ferramentas para sua gestão que PMEs tradicionais; fatores de risco de tipo monetário/institucional têm maior impacto que os de tipo comercial e cultural, na contramão de empresas de países desenvolvidos;
Kogut; Mello (2019)	O caso estudado reforça a abordagem comportamental de multinacionais tradicionais para a compreensão da trajetória de transferência reversa de tecnologia via aquisição de empresas de países desenvolvidos por empresas de países em desenvolvimento; contradizendo as recentes teorias de <i>springboard</i> , ao considerar tempo, velocidade, processo de <i>catching-up</i> e tamanho da aquisição.
Vasconcellos; Garrido; Parente (2018)	O levantamento com PMEs do setor de audiovisual indica que criatividade é um dos pilares de competências de negócios internacionais; elemento chave para para o desenvolvimento de capacidades de produção e de empreendedorismo; capturada, em empresas mais estabelecidas, por toda a orientação internacional.

Fonte: Elaboração do autor.

### 3. Metodologia

Os artigos de revisão são uma forma de pesquisa que utiliza fontes de informações bibliográficas para obtenção de resultados de pesquisa de outros autores, com o objetivo de fundamentar teoricamente um determinado tema e fornecendo evidências para dar suporte às intervenções nas organizações (IB., 2011).

Com a finalidade de revisar modelos, teorias e estudos empíricos acerca da internacionalização de empresas brasileiras, foram adotados os procedimentos da revisão integrativa da literatura científica. Trata-se de um método específico, que sumariza o passado

da bibliografia e permite a inclusão de estudos que adotam diversas metodologias, para fornecer uma compreensão mais abrangente, traçando uma análise, possibilitando uma síntese e permitindo a geração de novos conhecimentos, pautados nos resultados apresentados (IB., 2011). Assim, este artigo dispõe de um retrato do desenvolvimento do campo dos Negócios Internacionais no Brasil dos últimos dez anos, mais especificamente como vem sendo trabalhado o tema da Internacionalização de Empresas referente aos negócios brasileiros, e a quais escolas estão ligados o desenvolvimento teórico e a sua implementação prática.

O levantamento bibliográfico sobre o assunto foi desenvolvido com base em dados secundários, onde os estudos foram identificados usando os seguintes procedimentos:

(1) Coleta de artigos científicos relacionados à Internacionalização de Empresas e negócios brasileiros, em que foram utilizadas as palavras-chave “internacionalização empresas brasileiras” e “*internationalization brazilian enterprises*”. A pesquisa foi realizada nas bases referenciais Science Direct e Scopus, e limitada ao período de 2009 a 2019 - buscando corresponder às dinâmicas mais recentes da área.

(2) Classificação do caráter e conteúdo desses estudos, apresentando suas características e informações;

(3) Uma análise quantitativa dos artigos e de seus conteúdos, identificando as principais contribuições dos estudos na interface entre negócios internacionais brasileiros e a internacionalização de empresas - foco principal deste estudo.

Somente artigos foram incluídos na seleção, quando a temática com recorte aos casos e estudos brasileiros estava clara no título, palavras-chave, resumo e ao longo do texto. Após esta etapa, 37 trabalhos foram selecionados para análise.

A partir dos artigos coletados acerca da relação entre negócios internacionais brasileiros e a literatura da Internacionalização de Empresas entre os anos 2009 e 2019, elaborou-se uma Matriz de Análise, como sugere Jabbour (2013), também para estudos organizacionais. A classificação se estrutura na divisão de quatro principais temáticas, enumerados de 1 a 4, seguidas por uma codificação a partir da combinação com letras do alfabeto; em que alguns artigos podem receber mais de um código. O Quadro 2 descreve a classificação e os códigos atribuídos aos artigos.

**Quadro 2 - Matriz de Análise para Revisão Integrativa**

<b>Classificação</b>	<b>Categoria</b>	<b>Alternativas</b>
1	Método e Procedimento de Pesquisa	A - Quantitativo B - Qualitativo C - <i>Survey</i> D - Estudo de Caso E - Análise Comparativa F - Entrevistas
2	Foco	A - Multinacionais B - Subsidiárias C - Exportadoras D - Pequenas e Médias Empresas E - Não aplicável
3	Setor analisado	A - Industrial B - Serviços C - Agronegócio D - Não aplicável
4	Arcabouço teórico	A - Determinantes Organizacionais e Estratégicos

- B - Teoria das Subsidiárias
- C - Estadocêntrico
- D - Redes de Relacionamentos
- E - Percepção de Risco
- F - Visão Baseada em Recursos
- G - Distância Cultural
- H - Inovação
- I - Estruturas de Mercado
- J - Abordagem Comportamental
- K - Internacionalização Tardia
- L - *Born Globals*

Fonte: Elaboração do autor.

A Classificação 1 identifica os Método e Procedimentos de Pesquisa e segue a codificação de A-F, sendo "A" - Quantitativo; "B" - Qualitativo; "C" - *Survey*; "D" - Estudo(s) de Caso(s); "E" - Análise Comparativa; "F" - Entrevistas. A Classificação 2 se refere ao Foco do estudo, em relação ao tamanho e tipo de firma, codificado entre A-E, sendo "A" - Multinacionais; "B" - Subsidiárias; "C" - Exportadoras; "D" - Pequenas e Médias Empresas; "E" - estudos que não explicitam foco em empresas, no que diz respeito ao tamanho ou tipo. A Classificação 3 está associada ao Setor em que se inserem as empresas analisadas, a partir da codificação de A-D, sendo "A" - Industrial; "B" - Serviços; "C" - Agronegócio; "D" - estudos que não explicitam um setor, ou se utilizam de outros objetos e meios. A Classificação 4 diz respeito ao Arcabouço teórico que sustenta ou com qual se preocupam os estudos, seguindo códigos de A-L, sendo "A" - Determinantes Organizacionais e Estratégicos; "B" - Teoria das Subsidiárias; "C" - Estadocêntrico; "D" - Redes de Relacionamentos; "E" - Percepção de Risco; "F" - Visão Baseada em Recursos; "G" - Distância Cultural; "H" - Inovação; "I" - Estruturas de Mercado; "J" - Abordagem Comportamental; "K" - Internacionalização Tardia; e "L" - *Born Global*.

#### 4. Análise dos Resultados

Na pesquisa verificou-se que não existem muitos estudos sobre o assunto em relação ao conjunto total de artigos publicados, porque, embora os artigos estejam contidos na temática, os estudos não se enquadraram aos objetivos propostos neste trabalho. Percebe-se um crescimento linear no número de obras, não obstante reverses passíveis de inconsistências metodológicas ou de dinâmicas que fogem ao escopo aqui determinado - com especial destaque para a proeminência de trabalhos em 2013 (Figura 1).

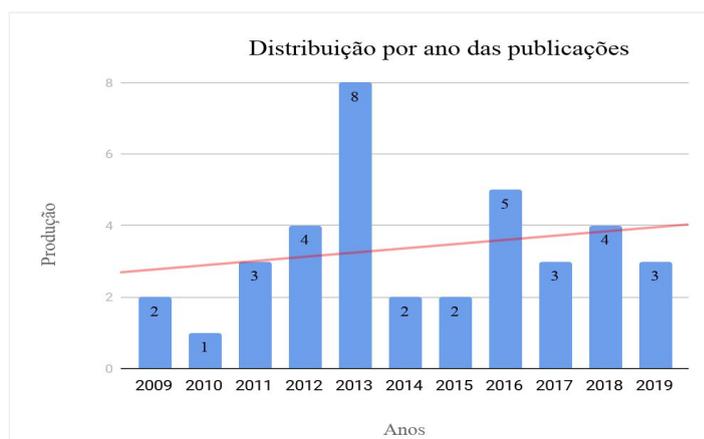


Figura 1 - Distribuição por ano das publicações

Fonte: Elaboração do autor.

Os dados coletados revelam que os artigos publicados nos periódicos consultados variam de um a cinco autores. Na Figura 2, verifica-se que os artigos individuais (10,8%) e com cinco autores (2,7%) ocorrem em menor frequência em comparação com a soma dos artigos com três (40,5%), dois (27%) e quatro autores (18,9%), servindo de indicativo da existência de grupos ou redes de pesquisa do campo.

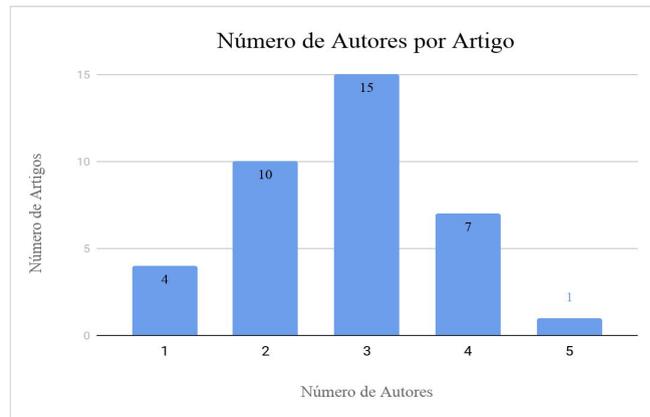


Figura 2 – Número de Autores por Artigo  
Elaboração do autor.

Novas publicações (24,3%) contiveram co-autoria entre brasileiros e estrangeiros (vinculados a universidades estrangeiras), sugerindo relativa internacionalização e cooperação científica na amostra, principalmente oriundos dos Estados Unidos e do Reino Unido, seguidos por Países Baixos, sendo a *University of Alabama* e a *Florida International University* as mais presente, com 4 e 2 representantes. Os 37 artigos somam 101 autores, sendo 87 vinculados a universidades do Brasil, 8 dos Estados Unidos, 2 do Reino Unido, 2 dos Países Baixos, 1 da Argentina e 1 da Itália. As universidades brasileiras com maior expressão são USP vinculando 24 autores, ESPM com 8, EAESP/FGV com 6, e UFPR e UNISINOS com 5 autores cada.



Figura 3 – Número de Artigos por Periódico e Área  
Elaboração do autor.

O levantamento é marcado também por uma diversidade de periódicos em que os artigos são publicados. Os 37 trabalhos selecionados distribuem-se em 18 periódicos, sendo 16 da área de Administração Pública e de Empresas, Ciências Contábeis e Turismo, publicados, 01 da área de Ciências Políticas e Relações Internacionais e 01 da área de Geografia (Figura 3), publicados em 05 países diferentes (Figura 3). Destes 37 artigos, mais de 59,4% classificam-se em periódicos Qualis A1 e A2, demonstrando assim a relevância do tema para a área (Figura 4).



Figura 4 - Periódicos por Classificação Qualis  
Elaboração do autor.

O Quadro 3 apresenta a classificação e codificação de estudos revisados neste trabalho. Em seguida, sua análise:

**Quadro 3 - Classificação e codificação dos estudos analisados**

<b>Autores</b>	<b>Método e Procedimento de Pesquisa</b>	<b>Foco</b>	<b>Setor analisado</b>	<b>Arcabouço teórico</b>
Honório (2009)	1A, 1C	2C	3A	4A
Borini; Fleury; Fleury; Oliveira Jr (2009)	1A, 1C	2A, 2B	3A, 3B	4B
Arraes (2010)	1B, 1D	2E	3D	4C
Lima; Carvalho (2011)	1B, 1D	2C, 2D	3A, 3B	4D
Lima; Carvalho (2011)	1B, 1D	2C, 2D	3A	4D
Rocha; Borini (2011)	1A, 1C	2A, 2B	3A, 3B	4B
Seifert; Child; Rodrigues (2011)	1B, 1F	2D	3A	4E
Borini; Floriani; Fleury (2012)	1A, 1C	2A, 2D	3D	4F
Fleury; Fleury; Borini (2012)	1A, 1C	2A, 2B	3A, 3B	4B
Borini; Oliveira Jr.; Silveira; Concer (2012)	1A, 1C	2A, 2B	3A, 3B	4B
Ramsey; Barakat; Monteiro (2013)	1A, 1C	2A	3D	4G
Figueiredo; Grieco (2013)	1B, 1D	2A	3A	4D, 4H
Krakauer; Jussani; Vasconcellos (2013)	1B, 1D	2D	3B	4D

Lima; Carvalho; Marangoni; Pereira (2013)	1B, 1E	2E	3A	4I
Costa; Porto (2013)	1B, 1E	2A	3A	4H
Engelman; Fracasso (2013)	1A, 1C	2D	3A	4J
Santos; Vasconcelos; De Luca (2013)	1B, 1E	2A	3D	4F
Parente; Cyrino; Spohr; Vasconcelos (2013)	1B, 1F	2A	3A, 3B	4K
Salomé-Pereira; Vasconcellos (2014)	1A, 1B	2E	3D	4H
Suzin; Gonçalves; Garrido (2014)	1B, 1D	2A	3A	4F
Francischini; Furtado; Garcia (2015)	1B, 1D	2A	3A, 3B	4K
Dal-Sato; Alves; Bulé; Amarante (2015)	1B, 1D	2A	3B	4J
Oura; Zilber; Lopes (2016)	1A, 1C	2C, 2D	3A	4F
Ramsey; Barakat; Mitchell; Ganey; Volosin (2016)	1A, 1C	2A	3A, 3B	4J
Machado; Nique; Fehse (2016)	1A, 1C	2D	3A	4L
Santos (2016)	1B, 1E	2A	3A	4I
Bandeira-de-Mello; Fleury; Aveline; Gama (2016)	1B, 1D	2A	3A, 3B	4A
Pereira; Moraes; Salazar (2017)	1B, 1C	2C	3C	4F
Finchelstein (2017)	1B, 1E	2A	3D	4C
Hennart; Sheng; Carrera Junior (2017)	1A, 1C	2A	3D	4C
Carneiro; Bamiatzi; Cavusgil (2018)	1B, 1D	2A	3A	4K
Bonfim; Silva; Prado; Abib (2018)	1A, 1C	2D	3D	4E
Magnani; Zuchella; Floriani (2018)	1B, 1D	2A	3D	4A
Limp; Rezende; Versiani (2018)	1B, 1D	2A	3A	4D
Stocker; Abib (2019)	1B, 1D	2D	3A	4L
Kogut; Mello (2019)	1B, 1D	2A	3A	4F
Vasconcellos; Garrido; Parente (2018)	1A, 1C	2D	3A	4F

Fonte: Elaboração do autor.

Na primeira categoria, em relação aos métodos e procedimentos de pesquisa, os resultados demonstram uma igual importância dos métodos de investigação quantitativos e qualitativos, acompanhados, respectivamente, dos procedimentos de *surveys* e estudo(s) de caso(s) (37,8% cada). Os estudos qualitativos também se valem de procedimentos como análises comparativas (13,5%) e entrevistas (5,4%). Nota-se em menor grau a combinação dos métodos quantitativo e qualitativo (5,4%).

Na categoria foco, os estudos voltados à internacionalização e atividades internacionais de MNCs brasileiras predominam (48,6%), seguidos exatamente pelos trabalhos que se dedicam à complexidade das subsidiárias (18,9%) e suas relações, especialmente com a matriz (10,8%). A atuação exportadora também compõe o escopo de

modalidades de inserção em mercados externos (8,1%), especialmente para PMEs (8,1%). Borini *et al.* (2012) compreendem diferenças nas condições e no desenvolvimento de competências na internacionalização entre PMEs e multinacionais. Arraes (2010), focado no Estado brasileiro, analisa o movimento de internacionalização de empresas em geral como parte de processos políticos e econômicos.

Já na categoria setor de mercado os estudos voltados exclusivamente para a inserção nos setores industriais foram predominantes (43,2%). São presentes, também, estudos que consideraram os setores industrial e de serviços concomitantemente (24,3%). Já os trabalhos voltados exclusivamente para o setor de serviços detiveram baixa expressão (5,4%). Pereira *et al.* (2017), ao se debruçarem sobre exportadoras da fruticultura nordestina compreendem a natureza tangível e intangível e a importância dos recursos competitivos desenvolvidos por parte dos empreendedores internacionais para a internacionalização. Ademais, parte considerável dos trabalhos não explicita setores, ou se utiliza de outros objetos e meios de análise (24,3%).

Por fim, a respeito da abordagem teórica, a VBR foi o principal referencial adotado pelos trabalhos coletados (18,9% cada), seguida pela teoria das subsidiárias e pela ótica de redes de relacionamentos (10,8%). Os trabalhos balizados pelos entendimentos de internacionalização tardia no Brasil, *born globals*, da abordagem comportamental, e de determinantes organizacionais e estratégicos na internacionalização também são representativos (8,10% cada). Marginalmente, estão os artigos que descrevem a internacionalização mediante a percepção do risco, inovação e pelas estruturas de mercados (5,4% cada). Figueiredo e Grieco (2013) demonstram que as estratégias e técnicas de inovação aberta se fundem e auxiliam o processo de internacionalização em rede. Ramsey *et al.* (2013) analisam como a distância cultural medida em valores e práticas impacta decisões futuras do modo de entrada das MNCs brasileiras.

A partir da análise dos estudos coletados, identifica-se predominâncias, lacunas e oportunidades de pesquisa para a agenda de negócios internacionais brasileiros - mais especificamente acerca da internacionalização de empresas brasileiras, como expõe a Figura 5.

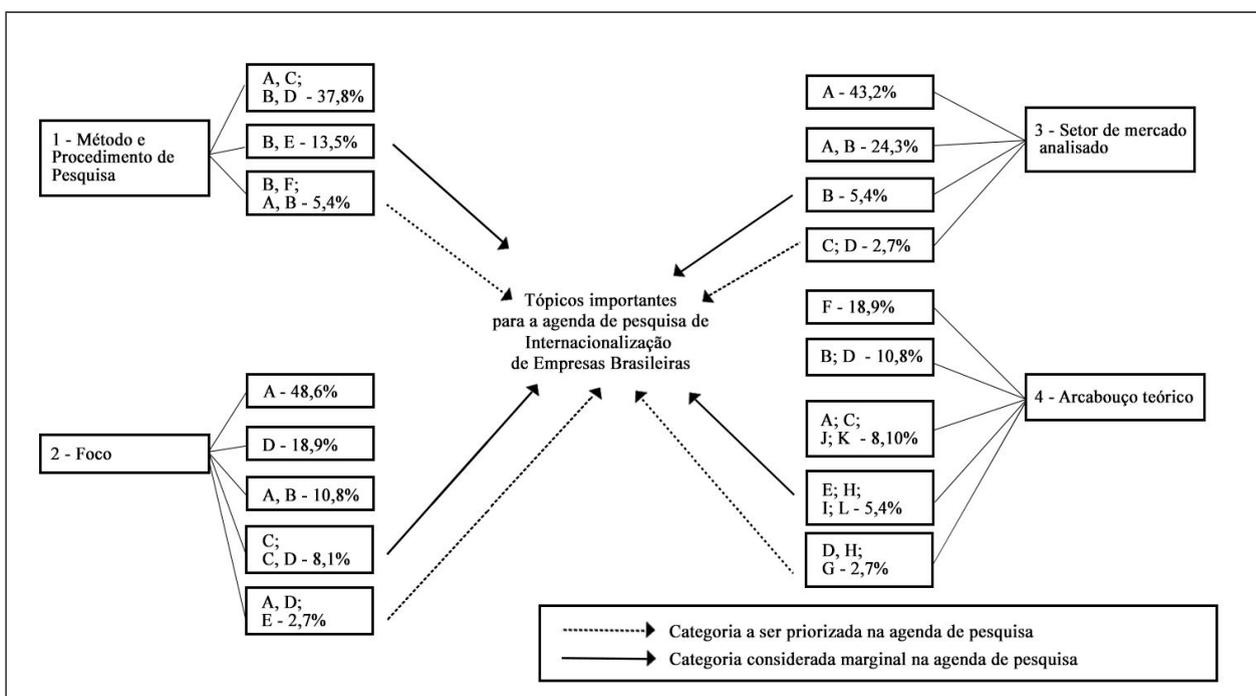


Figura 5 - Distribuição das análises e classificação das categorias e pontos para serem explorados em pesquisas futuras

Fonte: Elaboração do autor.

## 5. Conclusão

O objetivo deste trabalho foi apresentar os resultados de uma revisão integrativa da literatura sobre Internacionalização de Empresas Brasileiras. Revisões como esta são relevantes para a comunidade acadêmica, pois auxiliam os pesquisadores interessados em um determinado assunto. Os principais estudos nesta área foram classificados e codificados. Em seguida, apresentou-se uma agenda de pesquisa com recomendações que podem fazer avançar as discussões nesta área, a partir de futuros trabalhos.

Resumidamente, os resultados mostram que é necessária mais investigação sobre empresas exportadoras de pequeno porte, bem como estudos sobre PMEs que nascem MNCs. Além disso, precisa-se de mais estudos qualitativos que busquem ampliar o escopo de análise dos objetos e de suas generalizações, de maneira geral, e que integrem métodos e procedimentos qualitativos e quantitativos. Outra recomendação se trata do desenvolvimento de investigações dos negócios internacionais e da internacionalização dos setores de serviços e do agronegócio, assim como estudos que se utilizem de outros objetos e meios de análise. Outra maior lacuna é identificada, recomendando maiores investigações acerca das experiências brasileiras relacionadas a combinação entre os processos de inovação e de internacionalização, e sobre o impacto e das questões da distância cultural.

Como resultado das lacunas na literatura atual, estas recomendações podem orientar e fortalecer as pesquisas sobre negócios internacionais e internacionalização de empresas brasileiras. Consequentemente, demonstrar para os gestores e para os acadêmicos a importância dos estudos sobre internacionalização para o estabelecimento de estratégias que visem melhorar tanto a gestão das empresas, como auxiliar o desenvolvimento de políticas públicas - em favor do fortalecimento das questões de comércio e negócios internacionais no contexto global. Além disso, conforme demonstrado na pesquisa, é um tema que apresenta um crescimento no interesse de várias instituições acadêmicas.

## 6. Referências bibliográficas

- AHARONI, Yair; BROCK, David M. **International business research: Looking back and looking forward.** 2010.
- ARRAES, Virgílio Caixeta. **The Brazilian Business World: the difficult adaptation to globalization.** 2010.
- BANDEIRA-DE-MELLO, Rodrigo; FLEURY, Maria Tereza Leme; AVELINE, Carlos Eduardo Stefaniak; GAMA, Marina Amado Bahia. **Unpacking the ambidexterity implementation process in the internationalization of emerging market multinationals.** 2016.
- BARRETO, A.; ROCHA, A. A expansão das fronteiras: brasileiros no exterior. In: ROCHA, A. (Org.) **As novas fronteiras: a multinacionalização das empresas brasileiras.** 2003.
- BONFIM, Leandro Rodrigo Canto; SILVA, Gabrielle Ribeiro Rodrigues; PRADO, Paulo Henrique Müller; ABIB, Gustavo. **Exploring Risk Perception and Degree of Internationalization of Brazilian Small-and-Medium Enterprises.** 2018.
- BORINI, Felipe Mendes; FLEURY, Tereza Leme; FLEURY, Afonso Carlos Corrêa; OLIVEIRA JUNIOR, Moacir de Miranda. **The relevance of subsidiary initiatives for Brazilian multinationals.** 2009.
- BORINI, Felipe Mendes; FLORIANI, Dinorá Eliete; FLEURY, Maria Tereza Leme. **Relação**

**entre tamanho e desenvolvimento de competências organizacionais em multinacionais brasileiras.** 2012.

BORINI, Felipe Mendes; OLIVEIRA, Moacir de Miranda; SILVEIRA, Franciane Freitas; BORINI, Felipe Mendes; ROCHA, Thelma Veleria. **Mecanismos de Transferência de Conhecimento:** uma comparação entre Multinacionais Tradicionais e Emergentes. 2011.

BOTELHO, Louise Lira Roedel; CUNHA, Cristiano Castro De Almeida; MACEDO, Marcelo. **O Método Da Revisão Integrativa Nos Estudos Organizacionais.** 2011.

CARNEIRO, Jorge; BAMMATZI, Vassiliki; CAVUSGIL, S. Tamer. **Organizational slack as an enabler of internationalization:** the case of large Brazilian firms. 2018.

CONCER, Ronald de Oliveira. **The reverse transfer of innovation of foreign subsidiaries of Brazilian multinationals.** 2012.

COSTA, Priscila Rezende da; PORTO, Geciane Silveira. **Proposição de uma tipologia para a internacionalização de P&D interno e externo nas multinacionais brasileiras.** 2013.

DAL-SATO, Fábio; ALVES, Juliano Nunes; BULÉ, Anieli Ebling; AMARANTE, Cristiano Couto do. **O Processo de Internacionalização da Empresa de Software Totvs Sob a Ótica da Abordagem Comportamental.** 2015.

ENGELMAN, Raquel; FRACASSO, Edi Madalena. **Contribuição das incubadoras tecnológicas na internacionalização das empresas incubadas.** 2013.

FERREIRA, Degson; CAVALCANTI NETO, Sebastião; GOMES, Josir Simeone. **Internacionalização de empresas:** uma análise bibliométrica da produção científica dos últimos cinco anos. 2014.

FINCHELSTEIN, Diego. **The role of the State in the internationalization of Latin American firms.** 2017.

FIGUEIREDO, Júlio César Bastos de; GRIECO, Augusto de Miranda. **O Papel da Inovação Aberta na Internacionalização de Empresas em Rede:** o caso Brasil Foods. 2014.

FLEURY, Afonso; FLEURY, Maria Tereza Leme; BORINI, Felipe Mendes. **Is production the core competence for the internationalization of emerging country firms?** 2012.

FRANCISCHINI, Andresa Silva Neto; FURTADO, João; GARCIA, Renato. **Tecnologia e trajetórias de internacionalização precoce:** análise de casos na indústria brasileira. 2015.

HENNART, Jean-françois; SHENG, Hsia Hua; CARRERA, José Marcos. **Openness, international champions, and the internationalization of Multilatinas.** 2017.

HONÓRIO, Luiz Carlos. **Determinantes organizacionais e estratégicos do grau de internacionalização de empresas brasileiras.** 2009.

JABBOUR, Charbel José Chiappetta. **Environmental training in organisations:** from a literature review to a framework for future research. 2013.

KRAKAUER, Patricia Viveiros de Castro; JUSSANI, Ailton Conde; VASCONCELLOS, Eduardo Pinheiro Gondim de. **A utilização de alianças estratégicas na internacionalização de Pequenas e Médias Empresas:** estudo de caso em uma empresa brasileira de tecnologia da informação. 2013.

KOGUT, Clarice Secches; MELLO, Renato Dourado Cotta de; ROCHA, Angela da. **International expansion for knowledge acquisition or knowledge acquisition for international expansion?** 2019.

LIMA, Gustavo; CARVALHO, Dirceu. **Internationalization of Companies in Industrial Clusters:** a study of Medical, Dental and Hospital supply industries In Ribeirão Preto – SP. 2011.

LIMA, Gustavo Barbieri; CARVALHO, Dirceu Tornavoi de. **Evolução dos consórcios de exportação no Brasil (2002-2008):** um estudo exploratório. 2012.

LIMA, Gustavo Barbieri; CARVALHO, Dirceu Tornavoi de; MARANGONI, Suzana Márcia; PEREIRA, Nayara Carvalho Alves. **Canais de Distribuição Internacionais na**

**Indústria de Equipamentos Odontológicos:** distribuidores exclusivos versus não exclusivos. 2013.

LIMP, André; REZENDE, Sérgio Fernando Loureiro; VERSIANI, Ângela França. **Customer relationships and interdependences in the internationalization process of the firm.** 2018.

MACHADO, Marcelo André; NIQUE, Walter Meucci; FEHSE, Felipe Bentancur. **International orientation and export commitment in fast small and medium size firms internationalization:** scales validation and implications for the Brazilian case. 2016.

MAGNANI, Giovanna; ZUCHELLA, Antonella; FLORIANI, Dinorá Eliete. **The logic behind foreign market selection:** objective distance dimensions vs. strategic objectives and psychic distance. 2018.

OURA, Mauricio Massao; ZILBER, Silvia Novaes; LOPES, Evandro Luiz. **Innovation capacity, international experience and export performance of SMEs in Brazil.** 2016.

PARENTE, Ronaldo C.; CYRINO, Álvaro Bruno; SPOHR, Nicole; VASCONCELOS, Flavio Carvalho de. **Lessons learned from Brazilian multinationals' internationalization strategies.** 2013.

PEREIRA, Hilda Maria Salomé; VASCONCELLOS, Eduardo Pinheiro Gondim de. **Differences in the patent management in Brazilian companies with and without plants abroad.** 2014.

PEREIRA, Yákara Vasconcelos; MORAES, Walter Fernando Araújo de; SALAZAR, Viviane Santos. **Recursos competitivos no empreendedurismo internacional:** uma análise qualitativa em empresas exportadoras. 2017.

RAMSEY, Jase R.; BARAKAT, Livia L.; MONTEIRO, Plinio R. R.. **Cultural Distance and Future Entry Mode Choice of Brazilian MNEs.** 2013.

RAMSEY, Jase R.; BARAKAT, Livia; MITCHELL, Matthew C.; GANEY, Thomas; VOLOSHIN, Olesea. **The effects of past satisfaction and commitment on the future intention to internationalize.** 2016.

RUZZIER, M.; HISRICH, R. D.; ANTONCIC, B. **SME internationalization:** past, present and future. 2006.

SANTOS, José Glauber Cavalcante dos; VASCONCELOS, Alessandra Carvalho de; LUCA, Márcia Martins Mendes de. **Perfil da Inovação e da Internacionalização e Empresas Transnacionais.** 2013.

SANTOS, Leandro Bruno. **Origem, consolidação e internacionalização dos grupos Mexichem e Tigre.** 2016.

SEIFERT, Rene Eugenio; CHILD, John; RODRIGUES, Suzana B.. **The role of interpretation in the internationalization of smaller Brazilian firms.** 2012.

SOUZA, Eda Castro Lucas de; FENILI, Renato Ribeiro. **Internacionalização de empresas:** perspectivas teóricas e agenda de pesquisa. 2012.

STOCKER, Fabricio; ABIB, Gustavo. **Risk Management in Born Globals:** the case of Brazilian craft breweries. 2019.

SUZIN, Juliana Balin; GONÇALO, Cláudio Reis; GARRIDO, Ivan Lapuente. **A mobilização de recursos estratégicos como perspectiva de análise de processo de internacionalização:** a expansão da azaleia para o mercado sul-americano. 2014.

VASCONCELLOS, Silvio Luis de; GARRIDO, Ivan Lapuente; PARENTE, Ronaldo Couto. **Organizational creativity as a crucial resource for building international business competence.** 2019.